

Aplausos abafam apreensão inicial

A direção do Congresso temia, que o plenário da Câmara dos Deputados promovesse manifestações de hostilidade ao presidente da República e, por isso, chegou a recomendar ao chefe do governo que desistisse de ler, ele próprio, a mensagem presidencial dirigida ao Legislativo, na abertura dos trabalhos parlamentares deste ano. Antes da chegada do presidente José Sarney ao plenário, o senador Nelson Carneiro, presidente do Senado, com o microfone da mesa inadvertidamente aberto, comentou que "se houvesse alguma surpresa, esta não constaria da ata da sessão".

Aparentemente, Carneiro acreditava que algum congressista pedisse a palavra, de modo antiregimental, para responder ao discurso de Sarney. Mas não aconte-

ceu nenhum incidente e o Presidente, ao chegar ao plenário completamente lotado, foi recebido sob palmas. Todo o seu pronunciamento foi ouvido em silêncio. Ao concluí-lo, porém, o plenário o aplaudiu de modo caloroso e os presentes se puseram de pé.

A impressão deixada por seu pronunciamento, mesmo entre os parlamentares de oposição, foi das melhores. Entre outros, haviam apreciado a fala de Sarney o deputado Roberto Freire, líder do PCB; o ex-líder do PFL, José Lourenço; e o líder do PDS do Senado, senador Jarbas Passarinho.

Na opinião do líder do PDS, deputado Amaral Netto, que também elogiava o pronunciamento presidencial, o fato mais impressionante fora a recepção carinhosa do plenário a Sarney. Ele procurava uma

explicação para o fenômeno, achando que, no fundo, os parlamentares e os presentes haviam agido movidos pelo sentimentalismo tradicional dos brasileiros, com pena de uma autoridade atacada duramente e por muito tempo.

Canonização

Dessa impressão, porém, não compartilhava Passarinho, por entender que a fala de Sarney, por sua importância, retirava, na prática, a bandeira oposicionista ao próximo governo das mãos do PT. Mais entusiasmado estava o ministro da Indústria e do Comércio, Roberto Cardoso Alves. "Começou, aqui, e agora — dizia **Robertão** — o processo de canonização de Sarney. Dentro de seis meses, no máximo, ele estará santificado".

Outra dúvida reinante entre os políticos referia-se aos motivos pelos quais Sarney, quebrando uma tradição republicana brasileira — só no Império o próprio imperador lia a fala do Trono, perante o Parlamento — resolvera comparecer em pessoa ao Congresso. As especulações em torno do assunto eram muitas e desencontradas. Quase todas, porém, reduziam as razões de Sarney a uma só: como ex-senador e ex-deputado, por quase 30 anos de mandato legislativo, o Presidente quisera despedir-se do governo homenageando o Congresso. Na sala de café da Câmara, após o pronunciamento presidencial, havia um consenso: agora, ninguém mais tem o direito de achar que Sarney está deixando a vida pública em definitivo.

Essa também era a impressão do presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, autor da observação mais aguda sobre os motivos da ida de Sarney ao Congresso — como não poderá falar no dia 15 de março, data em que Fernando Collor falará no parlatório do Palácio do Planalto, Sarney resolvera antecipar seu pronunciamento, nele incluindo uma advertência ao sucessor: ninguém governa abstrações, mas realidades.

Carlos Menandro



Sarney (C) no plenário: fim de uma tradição que durou 30 anos